

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2012

VOLUME I

O Inglês no cotidiano e sua aplicação prática dentro da sala de aula de Língua Estrangeira.

Helena Franzoia Louzada¹
Carmen Ilma Belincanta Borghi²

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar e discutir os resultados de um estudo cujo objetivo foi trabalhar atividades pedagógicas que envolveram a oralidade, a leitura, a escrita de palavras inglesas vivenciadas no dia a dia pelos alunos, através de textos que tratam da linguagem verbal (convites, avisos, rótulos quadrinhos, bilhetes, propagandas de eletrodomésticos, vestuário, alimentação, material de limpeza, internet, informática, músicas, confecção de cartazes...); linguagem não verbal (imagens, gestos, pinturas, desenhos, gravuras, mímica, etc.); bem como a produção e expressão oral (falar/ouvir): relato pessoal, narração, descrição, histórias, dramatização, diálogo e interpretação de mensagens transmitidas. Sendo assim, a proposta procurou delinear ações planejadas e executadas com divisão de trabalho e avaliadas quanto ao processo de ensino-aprendizagem. O foco principal foi o ensino de LE com o uso de palavras do cotidiano, numa turma com 22 alunos do 6º ano “D” do período vespertino do Colégio Estadual Pedro Fecchio, da cidade de São Tomé, Paraná, em que foi desenvolvida uma unidade didática seguindo as bases teóricas do interacionismo-sociodiscursivo. Nesse raciocínio, tornou-se importante o entendimento do que se pretendeu com o ensino de Língua Estrangeira, pois, ensinar e aprender línguas são também ensinar e aprender percepções de mundo e maneiras de atribuir sentidos, é formar subjetividades, é permitir que se reconheçam no uso da língua os diferentes propósitos comunicativos, independentemente do grau de proficiência atingido. Assim sendo, se fez necessário envolver o aluno de uma maneira mais agradável para que ele compreendesse o quanto é interessante aprender uma nova língua através de atividades diversificadas.

Palavras-chave: Aluno. Língua Estrangeira. Cotidiano.

1 INTRODUÇÃO

Propõe-se neste estudo, tecer algumas considerações acerca das atividades desenvolvidas no início do ano de 2013 na implantação do Projeto “O Inglês no cotidiano e sua aplicação prática dentro da sala de aula de Língua Estrangeira”.

Palavras em língua inglesa estão se tornando corriqueiras, uma vez que vivemos na era da Internet e que a língua inglesa vem a cada dia se destacando mundialmente. Como menciona Berger (2005, p. 97), “a maior quantidade de informação que circula hoje pela Net encontra-se em inglês”, prevalecendo como “a

¹Professora **PDE**: LEM Inglês no Colégio Estadual Pedro Fecchio no município de São Tomé PR. Núcleo de Cianorte.

² Professor (a) Orientador (a): Carmen Ilma Belincanta Borghi – Universidade Estadual de Maringá

língua mais usada para a comunicação global” e também, como “o mais presente no mundo da tecnologia”.

Portanto, ao ensinar uma língua não nativa, como nesse estudo, a Língua Inglesa, é também necessário evidenciar a preocupação e o compromisso do papel desta de colaborar para a compreensão do mundo e suas transformações, situando o homem como indivíduo participativo e parte integrante do universo.

Deste modo, é importante que os professores trabalhem com uma Educação que atenda igualmente os sujeitos, seja qual for sua condição social e econômica, seu pertencimento étnico e cultural e as possíveis necessidades especiais para aprendizagem. Assim, podemos afirmar que a Língua Estrangeira apresenta-se como espaço para ampliar o contato com outras formas de conhecer e com outros procedimentos interpretativos de construção da realidade.

Dessa forma, este artigo pretende analisar e discutir dados obtidos através da pesquisa realizada com alunos do 6º Ano “D” do Colégio Estadual Pedro Fecchio quando da implementação do Projeto “O Inglês no cotidiano e sua aplicação prática dentro da sala de aula de Língua Estrangeira”.

Buscamos compreender o verdadeiro sentido para os alunos em aprender o inglês do dia a dia. Pretendemos também compreender se os alunos percebem que convivem no dia a dia com expressões em Língua Inglesa sem ao menos terem conhecimentos do que elas significam como, por exemplo: “internet, web site, Windows, Word, download, big, delivery, baby, stress, look, fast food, fashion, e-mail, Messenger, outdoor, hot dog, milk-shake, light, hambúrguer, drink, happy hour, diet., light, fitness, crazy, show, rock, drive - in, open, mouse, delete, jeans, shopping center, pet shop, lan house, pit stop, pendrive, notebook, laptop, design entre outras, pois, são utilizadas com frequência tão alta que muitas vezes as incorporamos ao nosso vocabulário básico, devido a influência que exercem sobre nossa cultura.

Dessa forma, a seguir trataremos de um construto teórico acerca de aspectos que envolvem o ensino de língua inglesa no que tange a leitura, a escrita e o ensino na atualidade.

2. O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

2.1 O QUE É LEITURA?

Publicada na década de 80 a obra “A importância do ato de ler”, de Paulo Freire (1989) mostra em sentido amplo, que o ato de ler não está circunscrito à palavra impressa. Abarca também a leitura de situações em diversos contextos, incluindo, sobretudo, a luta que os indivíduos travam para não se tornarem seres alienados.

Portanto, considerar que a leitura na atualidade seja apenas percebida como uma ação donde o leitor decodifica a grafia exposta e apresenta entendimento universal estaríamos sendo injustos. Pois, em decorrência da evolução pela qual a sociedade está passando, a realidade nos mostra que a leitura deve apresentar as possibilidades variadas de informações contidas em um texto. Mesmo porque quando estamos lendo, tentamos de maneira suposta discutir o que está claro no texto.

Ainda sobre o livro citado acima, este nos remete a uma reflexão acerca da falta de humanização do sistema educativo, quando centraliza o saber ao invés de o educador ajudar seus alunos a desenvolver ao máximo suas potencialidades em todas as circunstâncias educativas.

Segundo Paulo Venturelli (1994) em seu texto “Leitura: paixão do conhecimento”, o ensino de língua portuguesa precisa fazer com que o aluno torne-se um leitor, mesmo porque a leitura na realidade é o caminho mais correto que todo indivíduo tem para conseguir uma melhor compreensão de si mesmo e do mundo. Porém, em contrapartida, Perini (1999) coloca que desenvolver o gosto pela leitura no aluno não é somente obrigação de língua portuguesa, de um professor ou uma disciplina, mas sim da escola como um todo. Lembrando que, através dela, o indivíduo será capaz de vencer dificuldades que a sociedade lhe propõe.

Seguindo essa linha de pensamento, quanto à importância da leitura Martins (1987, p. 36-37), sem intenção de conceituar, mas de analisar o porquê da leitura apresenta três níveis de leitura que se relacionam sem hierarquia e simultaneamente quais sejam: sensorial, emocional e racional. O Primeiro contato do indivíduo com o texto ou situação se encontra no nível sensorial. Já, o nível emocional leva a interpretação subjetiva que o nível sensorial trouxe, enquanto que no nível racional (presente em textos narrativos) se busca a interpretação mais adequada, a objetividade dentro da situação ou texto que se encontra em situação de leitura.

Em se tratando da LEM, não há dúvida que a leitura seja considerada uma das habilidades mais importantes e difíceis, nessa linha, os PCN's de Língua Estrangeira

Moderna (1996) deixa claro que este deve ser um dos principais enfoques do professor. Contudo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs de Língua Estrangeira) busca ser uma fonte de referencia para discussões e tomada de posição sobre aprender e ensinar Língua Estrangeira nas escolas brasileiras, restaurando seu papel na formação educacional, já que a aprendizagem de uma língua materna é direito de todo cidadão, amparado por lei. Assim garante os PCNs:

...embora seja certo que os objetivos práticos entender, falar, ler e escrever - à que a legislação e os especialistas fazem referencia são importantes, quer no parecer que o caráter formativo intrínseco à aprendizagem de Línguas Estrangeiras não pode ser ignorado. Torna-se, pois, fundamental, conferir ao ensino de Línguas Estrangeiras um caráter que, enunciados corretos no novo idioma, propicie ao aprendiz a possibilidade de atingir um nível de competência lingüística capaz de permitir-lhe acesso à informações de vários tipos, ao mesmo tempo em que contribua para a sua formação geral enquanto cidadão (1996, p.148).

Ainda, segundo o documento, a aprendizagem de uma língua estrangeira deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, envolvendo-o na construção do significado pelo desenvolvimento de pelo menos uma habilidade comunicativa. Que na aprendizagem de língua, o uso e o que se aprende devem vir interlaçados no processo de ensinar e aprender. Isso é essencial, porque ao se envolverem em uma interação, tanto escrita quanto oral, as pessoas o fazem para agirem no mundo social em um determinado momento e espaço, em relação a quem se dirigem ou a quem se dirigiu a elas.

O documento aborda também que o uso de uma Língua Estrangeira está de certa forma, vinculada à leitura técnica ou de lazer, requerendo assim o domínio da habilidade da mesma. Entende-se com isso, a leitura como necessidade da educação formal e a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato, pois a aprendizagem de leitura em Língua Estrangeira ajuda o aluno no seu desenvolvimento integral de letramento, sendo assim, a leitura tem função principal na escola e aprender a ler em outra língua pode ajudar no desempenho do aluno como leitor em sua própria língua materna.

Entretanto a língua inglesa na atualidade é utilizada nos mais diversos campos como: anúncio; musica; informática e negócios que são aliados da disciplina na escola. Portanto, a descoberta da relação entre leitura e vocabulário na Língua Inglesa está presente em certas situações do dia-a-dia através de jogos de videogame, e-mails, musicas e anúncios, propagandas e outdoors, pois através

desse processo é que a língua não nativa (inglesa) faz relação com a realidade do aluno.

Ainda que não se possa responder a tantos questionamentos, defende-se que é preciso e urgente propor um novo olhar para a condução do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita no trabalho com LE, e que este deve ser mais significativo tanto para crianças quanto para jovens e adultos.

2.2 A ESCRITA

A escrita é um processo social, histórico, dialógico e interativo, tanto na língua portuguesa como na língua inglesa. Ela pressupõe a análise da relação estabelecida entre o sujeito com o objeto da escrita. Podemos dizer que a escrita é uma das grandes invenções da humanidade, e que surgiu a partir da necessidade do homem de criar registros, armazenar dados e preservar sua história (KOCH, 1998).

Assim, a partir da escrita, as relações entre o homem e sua memória social sofreram sérias transformações, permitindo que seus sentimentos e conhecimentos de mundo pudessem perpetuar-se, chegando até outras culturas e em outros tempos, numa relação linear entre autor e leitor. Porém, a responsabilidade da escrita na formação do sujeito é muito grande. Ela é a porta de entrada para o saber tecnológico e erudito, apresentando um emaranhado de dizeres. É um meio de comunicação entre as pessoas, sejam através de cartas, convites, bilhetes, recados, anúncios, e-mails e entre outros (KOCH, 1998).

Convém, no entanto dizer que, pensar em linguagem nos atribui pensar em uma atuação própria do ser humano, fazendo-o ser diferente dos demais animais. No entanto, pensar em texto significa pensar em ações cotidianas que permeiam a realidade, mesmo porque de modo tradicional a escrita é tida como uma maneira de compor o pensamento em forma de grafia, possibilitando ao ser humano se organizar na sociedade, conseguindo assim, construir através de signos uma linguagem capaz de representar o real.

Então, o que vem a ser um texto? E quais os critérios necessários para elaborá-lo de modo que possa ser entendido em sua universalidade e objetividade? De modo sintético define-se texto como um todo organizado, produzido por um sujeito num dado tempo e num determinado espaço. Sujeito este pertencente a um

grupo social, que expõe em seus textos suas idéias, anseios, temores, expectativas do grupo e de sua época, possuindo um caráter histórico e social (VAL, 1991).

Em outras palavras, texto define-se como uma ocorrência lingüística falada ou escrita de qualquer extensão, dotada de uma unidade sociocomunicativa semântica e formal, possuindo três aspectos necessários para sua total compreensão, tais como: aspecto programático; aspecto semântico; aspecto formal (VAL, 1991).

2.3 A REESCRITA

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa, um escritor só pode ser considerado competente quando este olhar para o texto em diversas situações que produziu e consegue verificar se há coerência ou não. Assim, se é capaz de revisá-lo, ou mesmo reescrevê-lo, até que o considere satisfatório para que seja utilizado em quais quer que seja a disciplina como afirma Antunes (2003):

Reescrita [...] corresponde ao momento de análise do que foi escrito, para aquele que escreve confirmar se os objetivos foram cumpridos, se conseguiu a concentração temática desejada, se há coerência e clareza no desenvolvimento das idéias, se há encadeamento entre os vários segmentos do texto (ANTUNES, 2003, p.56).

Acredita-se que a reescrita pode ser considerada uma forma de fazer análise lingüística, visto que o texto escrito não é uma unidade trancada, e sim um trabalho lingüístico e discursivo, que envolve reelaborações.

No entanto, produzir um texto não é tarefa fácil, é um trabalho que exige várias reescritas durante o percurso, pois a escrita é um processo, por esse motivo não pode ser considerado produto final (PRESTES 1999).

Assim, revisar o que está escrevendo demonstra a vitalidade desse processo, logo, a reescrita, na maioria das vezes, se faz necessária para dimensionar o intuito do autor em querer escrever, deixando assim mais claras as idéias e as intenções para o leitor. Quando se consegue esse tipo de trabalho, há momentos em que os textos produzidos pelos alunos devem ser melhorados no sentido de demonstrar maior clareza; então é necessário reescrevê-los, para que se oportunize ao estudante a possibilidade de reconstruir o que ele sabe (MORAES, 2005 a).

Portanto, para Guedes e Souza (2001) a prática de reescrita de textos aponta uma forma de aprender a escrever textos com características que os tornem aceitáveis.

Finalmente, é preciso que o professor seja professor e examine esses textos para orientar minuciosamente as reescritas que vai qualificá-los. Orientar a reescrita não é apenas adequar o conteúdo às verdades estabelecidas da ciência nem a forma do texto ao modo consagrado de escrever [...], é principalmente levar o autor a repensar a pertinência dos dados com que está lidando [...] perguntar-se para que vai servir o que está escrevendo. (GUEDES E SOUZA, 2001, p.149).

Assim sendo, nas aulas de língua inglesa o aluno ao produzir pequenos textos, frases, deverá ao termino do mesmo fazer a reescrita em inglês como forma de reestruturá-los para mostrar o que realmente ele assimilou.

2.3 O ENSINO DE LÍNGUAS E OS GÊNEROS TEXTUAIS

De acordo com as Diretrizes Curriculares de Língua Estrangeira Moderna (2008), a língua se apresenta como uma construção histórica com um princípio social, mas também dinâmico e não somente estrutural.

Em toda enunciação existe pelo menos a presença de duas vozes, a do outro e a do eu. A esse respeito, Bakhtin (1988), ressalta que o discurso ocorre num processo de interação com o outro, portanto, não é individual, o que reforça o que foi citado anteriormente de que ela (língua/discurso) é constituída socialmente.

A língua estrangeira nesse contexto deve ter o intuito de ampliar o contato com novas formas de conhecimento, novos meios de interpretação e, sobretudo, na construção da realidade.

Deste modo, o sentido da língua não está em seu sistema lingüístico, mas no contexto da interação verbal, ou seja, ela é concebida como discurso, construindo significados (DIRETRIZES, 2008, P.57).

Assim sendo, torna-se importante que o educador junto a Instituição escolar saiba do que se pretende com o ensino de Língua Estrangeira na Educação Básica, uma vez que, ensinar e aprender línguas é também ensinar e aprender percepções de mundo atribuindo sentidos, ao mesmo tempo, permitir ao educando que se reconheçam no uso da língua as diferentes finalidades comunicativas,

independentemente se ele tem habilidade e capacidades em demonstrar conhecimento em um determinado assunto ou não. (DIRETRIZES, 2006, p. 31).

Vale salientar que, para que se possa entender a proposta de se ensinar uma segunda língua, é necessário primeiramente compreender que, as aulas de Língua Estrangeira se configuram como espaço de interação entre professor e alunos e pelas representações e visões de mundo que se revelam no dia a dia. Nessa perspectiva, espera-se que os alunos sejam capazes de analisarem as questões sociais, políticas, econômicas da nova ordem mundial, suas implicações e que desenvolvam uma consciência crítica a respeito do papel das línguas na sociedade nas diferentes formas.

O trabalho com a Língua Estrangeira Moderna fundamenta-se na diversidade de Gêneros Textuais e busca alargar a compreensão dos diversos usos da linguagem, bem como a ativação de procedimentos interpretativos alternativos no processo de construção de significados possíveis pelo leitor, conforme citado anteriormente neste estudo.

Quanto às variedades dos gêneros do discurso, estas são infinitas, e a capacidade imaginária do indivíduo é inesgotável, assim, a cada esfera dessa atividade comporta um repertório do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se a medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN 1992, p.279).

Nessa definição, podem ser considerados textos uma figura, um gesto, um slogan, tanto quanto um trecho de fala gravado em áudio ou uma frase em linguagem verbal escrita, a partir dos quais os conteúdos específicos de Língua Estrangeira serão tratados. No entanto, é preciso atentar para o fato de que são atribuídos, aos textos, os sentidos reconhecidos como válidos por determinada comunidade, considerando-se sempre o contexto e o momento histórico em que eles foram produzidos. Sob este ponto de vista, e com esta concepção bakhtiniana de língua, o ensino de uma segunda língua não pode ser separado do contexto em que ela figura.

Nas fontes analisadas até aqui, identificamos que o estudo de uma LE deve desenvolver nos alunos uma consciência crítica com relação ao papel das línguas na sociedade. Além disso, o campo escolar, precisa desfazer esse pensamento de que o ensino de LE é utilitarista, pois ao aprender com essa segunda língua, estaremos abertos a adquirir novos conhecimentos úteis à medida que são usados e

transmitidos, permitindo às pessoas tomar melhores decisões. Com orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais do MEC:

"A aprendizagem da Língua Estrangeira Moderna qualifica a compreensão das possibilidades de visão de mundo e de diferentes culturas, além de permitir o acesso à informação e à comunicação internacional, necessárias para o desenvolvimento pleno do aluno na sociedade atual" (BRASIL, PCNs, MEC, 1999)

Ainda na referida abordagem, compreende-se que é essencial que o professor leve o aluno a participar das atividades propostas durante as aulas, mas que estas atividades estejam fora do tradicional, que sejam inovadoras que servirão para o desenvolvimento da criticidade e para a reflexão sobre a sua cultura e de outras. Para tal as palavras de Moita Lopes (1996, p. 76), compartilhadas por Scheyerl (2009, p.128), deixa claro que:

Espera que a escola, como instituição, não forneça apenas instrumentos adequados ao contexto dos alunos de língua estrangeira, mas meios de instrução que estimulem a consciência crítica, refletindo habilidades que tenham cunho socialmente justificáveis.

Deste modo, se faz necessário destacar que tanto o professor como as instituições de ensino precisam entender o mundo, o momento social, político e econômico, conduzindo o ensino da língua inglesa de acordo com as exigências do hoje e promover um espaço mais inclusivo, pois vivemos num mundo globalizado em que tudo é muito rápido e eficiente, assim o aluno precisa dessa eficiência que essa globalização apresenta principalmente a conexão com a internet e as vantagens que proporciona. Através da internet, somos bombardeados com um leque de informações, serviços, notícias tudo muito prático e rápido, na ponta dos dedos, num clique do mouse para se adquirir tanto informações como produtos e serviços, exigindo assim o quanto se faz necessário que o aluno se aproprie de uma segunda língua, pois este está diariamente em contato com o inglês em seu cotidiano.

3 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, foi feita uma pesquisa no Colégio Estadual Pedro Fecchio, do Município de São Tomé, Estado do Paraná. Este estabelecimento de ensino funciona nos três períodos (manhã, tarde, noite), atendendo 430 alunos divididos em 8 turmas no período matutino e 5 turmas no período vespertino. Os alunos da EJA, que estudam no período noturno, são atendidos por disciplinas, sendo que neste ano letivo são ofertadas 12 disciplinas do Ensino Médio e 8 disciplinas do Ensino Fundamental.

A partir desses levantamentos, cabe nos dizer que a escola possui clientela com nível econômico e nível social bem diversificado; a maioria das famílias residentes na cidade trabalha em facções ou na zona rural (corte de cana), também há filhos de funcionários públicos, comerciantes, entre outros.

Assim sendo, o público alvo do nosso projeto foi 22 alunos do 6º Ano “D” do período vespertino do Colégio Estadual Pedro Fecchio Ensino Fundamental e Médio onde participaram da pesquisa quantitativa e responderam a 1 questionário contendo 10 questões abertas e objetivas. Também foram trabalhadas atividades pedagógicas que envolveram a oralidade, a leitura, a escrita e reescrita envolvendo a língua inglesa em sala de aula.

Inicialmente, foi realizada uma exposição oral do tema aos alunos, sobre o trabalho a respeito do inglês no cotidiano do aluno e sondagem do conhecimento prévio que estes possuíam sobre o assunto, através de um diálogo entre aluno e professor.

Como forma de incentivo a LE foi exibido o vídeo **O Inglês já faz parte da sua vida!** - You Tube - Disponível em <http://youtu.be/hCD9TB6UGEE>- Acesso em 29 de Out. de 2012.

A partir daí foram aplicadas atividades pedagógicas envolvendo a oralidade, a leitura, a escrita de palavras inglesas vivenciadas no dia a dia pelos alunos, através de textos que tratam da linguagem verbal (convites, avisos, rótulos, quadrinhos, bilhetes, propagandas de eletrodomésticos, vestuário, alimentação, material de limpeza, internet, informática, músicas), linguagem não verbal (imagens, gestos, pinturas, desenhos, gravuras, mímica, etc.), bem como a produção e expressão oral (falar/ouvir): relato pessoal, narração, descrição, histórias, dramatização, diálogo e interpretação de mensagens transmitidas. Foram também utilizados outros recursos como: TV pendrive, rádio, laboratório de informática e gravuras diversificadas.

A proposta de intervenção se justifica pela pesquisa didática realizada como complementação, ao encontrarmos dificuldades relacionadas à leitura e à escrita em relação a uma segunda língua.

É importante destacar que as atividades em classe e extraclasse foram desenvolvidas por meio de procedimentos didáticos específicos, sob formas de técnicas de ensino individualizantes e socializantes, de modo a envolver os alunos em aprendizagens significativas. Destacamos, dentre outras, as atividades de leitura, discussão e análise das pesquisas, realizadas no laboratório de informática, análise de situações de sala de aula e extraclasse. Após a exposição teórica, houve atividades em grupo, além de atividades preparadas pelo professor, colocando-se na condição “experimental” de alunos, com o objetivo de discutir a aplicação do referencial teórico. De acordo com o cronograma estabelecido, foram desenvolvidas em etapas as atividades planejadas no material didático pedagógico que foi elaborado também para uso na TV pendrive e computador, por meio de atividades interativas, com o objetivo de facilitar a assimilação de conteúdos e aproximação do aluno com o inglês do cotidiano.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com os debates em sala de aula entre os grupos e questionários respondidos pelos alunos foi possível perceber que para aprender Inglês o aluno necessita de muito incentivo por parte de nós professores, além do que, devemos levar o educando a gostar e se interessar pela segunda língua.

Como já mencionamos, a pesquisa do contexto foi realizada no 6º Ano “D”, com a participação de 22 alunos. Portanto, foram aplicadas 10 questões acerca do tema proposto no projeto de intervenção pedagógica. Na seqüência, apresentamos um resumo explicativo desta investigação.

1) Você acha que na atualidade o inglês tem influenciado a nossa vida? Caso responda sim. Como?

R= 19 alunos responderam que sim através da propaganda em TV, computador eletrodomésticos materiais eletrônicos, internet, alimentos, vestuários e 3 alunos responderam não achar que teve influencia.

2) Você gosta de estudar a Língua Inglesa?

R= 12 alunos responderam que sim, mas que seja com atividades diferentes dos livros, que envolva ações do nosso dia-a-dia e 10 alunos responderam que não.

<p>3) Você utiliza com frequência a internet? R= 15 alunos responderam que sim e 7 alunos responderam que utilizam esporadicamente</p>
<p>4) Você usa a internet para fazer: () Compras de roupas / calçados / Livros () Sites de Automóveis e jogos () Conversar com amigos () Pesquisas sobre diversos assuntos R= Os 22 alunos responderam para conversar com amigos e para jogar. Os demais itens não foram apontados</p>
<p>5) Qual a maior vantagem para você aprender inglês? () Comodidade () Um trabalho melhor no futuro () Tecnologia () Necessidade R= 13 alunos responderam tecnologia, porque tudo gira em torno dela, até comando para abrir e fechar cortina já existe e 6 alunos responderam “um trabalho melhor no futuro, como por exemplo num banco, escritório” e 3 alunos responderam “necessidade, pois precisamos dela para mexermos com celulares, microondas, máquinas de lavar roupa”. Os demais itens não foram citados</p>
<p>6) Hoje em dia se fala muito em fazer compras através de sites. Então, você acha mais cômodo e prático comprar pela internet? () Sim () Não R= 12 alunos responderam acreditar que sim, basta acessar o site e comprar com cartão. 10 alunos responderam que não porque acham arriscados em não receber a mercadoria.</p>
<p>7) Você já comprou ou conhece alguém que já fez compras por internet? () Sim () Não R= 22 alunos disseram nunca ter feito compras pela internet, mas pretendem um dia fazer e 5 alunos disseram conhecer alguém que já fez compras pela net.</p>
<p>8) Você acha que essas palavras são utilizadas em informática? (Delete, backup, byte, CD-ROM, chip, connection, e-mail, enter, fax, modem, hardware, HD, hard drive, homepage, internet, intranet, keyboard, player, monitor, mouse, net, off-line, on-line, print, printer, scanner, software, speaker, update, upgrade, shift, enter, escape, num Look, home). () Sim () Não R= Os 22 alunos responderam que sim, através do mouse, controle de TV, de som, teclado do computador, correio eletrônico...</p>
<p>9) Você concorda com o significado dado a cada objeto abaixo que invadiram o seu dia a dia?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Notebook: Computador portátil menor do que um Laptop; • Laptop: Computador portátil; • Scanner: É um periférico de entrada responsável por digitalizar imagens, fotos e textos; • Smartphones: Telefone móvel com funcionalidades; • Cooktop: Fogão mais moderno. Pode ser encontrado do tipo de calor por indução e gás. <p>() Sim () Não R= Os 22 alunos responderam que sim.</p>
<p>10) Qual dos Vestuários abaixo você usa mais? () T-shirt () blue jeans () cotton () lycra () jeans () shorts () denim jacket R= 10 alunos responderam shorts; 5 alunos responderam blue jeans (calça jeans) 7 alunos responderam T-Shirt (camiseta). Os outros itens não foram citados.</p>

Os resultados apresentados neste trabalho mostram uma realidade que vivenciamos no dia a dia, pois 19 dos alunos que participaram da pesquisa consideram que aprender o inglês é importante para adquirirmos conhecimentos sobre uma segunda língua, pois esta vem exercendo grande influencia na vida das

peessoas. E que a todo instante o inglês está presente nas propagandas em TV, no teclado do computador, eletrodomésticos, materiais eletrônicos, internet, alimentos, vestuários entre outros. Por outro lado, alegam que não gostam do inglês devido aos exercícios gramaticais que os livros trazem e que essas atividades não estimulam o aluno a aprender, mas sim a decorar para conseguir notas, embora reconheçam, a sua importância.

Quando perguntados sobre qual a maior vantagem para eles em aprender inglês, 13 alunos responderam que é por causa da tecnologia, pois tudo gira em torno dela, até comando para abrir e fechar cortina a longa distancia já existe. Com ela a internet pode ser acessada, podemos ouvir musicas e até jogar. Entretanto, apenas 6 alunos alegaram esperar conseguir no futuro um bom emprego. Porém, percebeu-se que nenhum aluno pesquisado se deu conta de que faz uso do inglês no seu dia-a-dia.

Analisando os resultados, verifica-se que o mesmo ocorreu em forma de cooperação, como também a troca de experiências e relatos, verificações e observações das mudanças almeçadas de ensino na disciplina de Língua Inglesa. Por meio de atividades interativas, houve a assimilação de conteúdos e aproximação do aluno com o inglês do cotidiano, principalmente através do ensino comunicativo, com base numa definição feita por Almeida Filho (1993).

O ensino comunicativo de LE é aquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a L-alvo para realizar ações de verdade na interação com outros falantes usuários dessa língua (1993, p.47)

Por isso, ressalta-se que o importante no ensino de Língua Estrangeira é o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno junto a outros falantes, vivenciando assim a sua realidade, pois aprender inglês significa hoje uma possibilidade de criar pontes e se tornar cidadão do mundo, capaz de entender, interagir e se fazer presente em outras culturas. Então, que sejamos a ponte como elo para a iniciação da aprendizagem de uma segunda Língua. E que durante o processo de aprendizagem os alunos sejam instigados a se identificarem com essa língua estrangeira e descubrirem o que isto pode gerar de satisfação pessoal.

A maioria dos professores que interagiu com a proposta de intervenção pedagógica disse que a elaboração de atividades diversificadas e diferenciadas

toma muito tempo, mas se pensar em relação ao resultado é gratificante, que vale a pena. A maioria também mostrou ter gostado da proposta, dizendo que as atividades são claras e de fácil entendimento, e que os alunos com certeza aprovarão, pois se trata do seu cotidiano. Além disso, um professor disse ter aplicado com sua turma algumas atividades e que estas surtiram efeitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa-ação constatou-se que as atividades envolvendo o cotidiano do aluno foi uma entre tantas outras ferramentas fundamentais para compreensão de leitura em Língua Inglesa havendo assim um efeito positivo.

A partir dessa reflexão, podemos dizer que, o grande responsável dessas transformações que ocorreram em sala de aula, foi o professor, uma vez que todo conteúdo elaborado no material didático foram bem selecionados, visando a aprendizagem do alunado e que esses valorizassem sua forma de ser e de perceber o outro e o mundo. Pois o tema “O Inglês no Cotidiano”, utilizado como ponto de partida neste trabalho, pode ser explorado de acordo com o interesse dos alunos envolvidos no processo, onde puderam dar suas opiniões em relação a cada atividade estudada, sendo ela desenvolvida individualmente ou em grupos.

Cabe-nos, dizer que neste trabalho o aluno obteve um conhecimento não apenas da Língua Inglesa, mas entendeu que o tema abordado condiz com o mundo ao qual faz parte e muito contribuirá para a formação de um cidadão crítico, participativo, capaz de enfrentar os desafios que surgirem em sua vida.

Essa pesquisa abre um leque de possibilidades às outras mais, citando a língua inglesa e sua importância não somente dentro da escola, mas em nossas vidas, já que hoje tudo é tão globalizado e tecnológico.

Concluo que é de extrema importância que o professor seja um contínuo pesquisador, principalmente se tratando de uma segunda língua e especificamente neste trabalho em que o inglês é vivenciado no cotidiano do aluno, pois essa língua faz parte da cultura de um período, de um momento histórico e de uma geração, sendo assim ele deve estar se atualizando constantemente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 1993.

ANTUNES, Irandé. **Aulas de Português: encontros & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. & VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1988. 31

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da comunicação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BERGER, Maria Amália F. **O papel da língua inglesa no contexto de globalização da economia e as implicações do uso de NTICs no processo de ensino aprendizagem desse idioma**. São Cristóvão- SE: NPGED, 2005. Dissertação de Mestrado.

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília, 1998.

COSTA Val, M. G., **Texto e Textualidade**. São Paulo, Martins Fontes: 1991

[diretrizes curriculares da educação básica língua estrangeira ...](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_lem.Departamento)Disponível em www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_lem.Departamento de Educação Básica. Diretrizes Curriculares da Educação Básica. Língua Estrangeira Moderna. Paraná, 2008. Acessado em 09 de Set. de 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, 1989.

GUEDES, Paulo Coimbra, SOUZA, Jane Mari de. *Não apenas o texto, mas o diálogo em língua escrita é o conteúdo da aula de português*. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt. (org) *et ali*. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: UFRGS, 2001

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Editora Contexto. 1998.

MARTINS, M.H. **O que é leitura**. S. Paulo: Brasiliense, 1987.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Eles não aprendem português quanto mais inglês. A ideologia da falta de aptidão para aprender línguas estrangeiras em alunos de escola pública. In: Moita Lopes. **Oficina de lingüística aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996. pg. 63-79.

MORAES, Roque. **Um contínuo ressurgir de fênix**: reconstruções discursivas compartilhadas na produção escrita. Porto Alegre, PUCRS (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática), Mimeo, 2005^a

PARÂMETROS Curriculares Nacionais (PCNS). **Língua Estrangeira Moderna**, Ensino Médio. 1996.

VENTURELLI Paulo. ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/download/19077/12382 de P Venturelli - 2010 . Acesso em 29 de Ago de 2013.

PERINI, Mário A. A leitura funcional e a dupla função do texto didático. In ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. – 5^a Ed. – São Paulo: Ática, 1999. (pp.79-86).

PRESTES, Maria Lucia de Mesquita. **Leitura e [re] escritura de textos**: subsídios teóricos e práticos para o seu ensino. São Paulo: Respel, 1999.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A importância da leitura e o papel da escola nesse contexto**. São Paulo: FD, 2006. Disponível em <www.google.com.br>. Acesso em 03 de Nov. 2012.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua Estrangeira. Brasília MEC/SEF.

SCHEYERL, Denise. (2009). Ensinar língua estrangeira em escolas públicas noturnas. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa**. Conversas com especialistas. São Paulo: Parábola. P.125-139.

WIDDOWSON, H. G. **O ensino de línguas para a comunicação**. São Paulo: Pontes, 1991